

DIVERSIDADE RELIGIOSA E DIREITO À ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL NO AMBIENTE HOSPITALAR - A PRIMAZIA DO PARTICULAR SOBRE O GLOBAL

HOSS, Geni Maria *

Resumo

A assistência espiritual na internação hospitalar é um direito individual, portanto, que constitui um dever para a instituição hospitalar e eclesial. Para as igrejas, a assistência espiritual é um serviço diaconal que nasce no coração da comunidade de fé. A busca de sentido se torna ainda mais intensa em situação de vulnerabilidade. O desafio *neste campo é levar conforto e ao mesmo tempo respeitar a fé de cada pessoa ao superar o proselitismo religioso e desrespeito à visão religiosa do outro – o enfermo e sua família. O trabalho se baseia no pensamento do *Pai da Bioética*, Fritz Jahr (1895 – 1953), que, em seu artigo “Controvérsias internas das igrejas cristãs, – relações intereclesiais” apresentou diretrizes de relacionamento e respeito recíprocos aplicáveis a todas as religiões.

Palavras-chave: Fritz Jahr, Assistência Espiritual, Diversidade.

Abstract

Spiritual assistance in hospitalization is an individual right, therefore, which constitutes a right for a hospital and ecclesial institution. For churches, spiritual assistance is a diaconal service that was born in the heart of the community of faith. The search for sense has become even more intense in a situation of vulnerability. The challenge in this field is to take comfort and, at the same time, respect the faith of every person in overcoming religious proselytism and disrespect to the religious view of others – the sick person and his/her family. The study is based on the thinking of the *Father of Bioethics*, Fritz Jahr (1895 – 1953), who, in his article “Internal controversies of the Christian churches, – inter-ecclesial relations” presented guidelines of mutual relationship and respect applicable to all the religions.

Keywords: Fritz Jahr, Spiritual Assistance, Diversity.

Introdução

A visão integral do ser humano, hoje sempre mais consolidada nas diversas esferas da vida humana, torna a livre adesão e experiência religiosa um bem e

* Doutoranda em Teologia e membro do Grupo de Pesquisa Aconselhamento Pastoral, Práticas Sociais e Interculturalidade, Faculdades EST, sob orientação da Dr.^a Valburga Streck. É Mestre em Teologia pelas Faculddes EST, Especialista em Bioética pela Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR. É bolsista CAPES. geni.maria@yahoo.com.br

direito da pessoa. Como tal se torna um desafio para as comunidades de fé, no sentido de atenderem as demandas colocadas a partir deste direito, quando se trata de alguma forma de internação. Contempla-se neste trabalho, a internação hospitalar, ambiente que suscita cuidados ainda maiores em relação à questão religiosa e espiritual.

O ser humano está em constante busca de sentido que transcende os seus limites e vulnerabilidades e que lhe permitem experiência de sentido no contexto em que vive. A falta de saúde é um fator que torna sua busca ainda maior por experiências que tornem a vida significativa, independente de condicionantes e limitações.

Além do direito à liberdade de profissão de fé, garantido para os cidadãos, é preciso garantir uma relação recíproca de respeito diante da fé do outro e a assistência espiritual. O desafio se coloca na questão da acolhida e respeito diante da diversidade de profissões de fé e sua relação com o processo de geração de saúde.

Entende-se que a experiência e profissão de fé transcende a esfera científica, inerente aos processos de saúde, no entanto, prima-se hoje pela razoabilidade da fé, dimensão em que é possível acontecer diálogo e interação entre fé e ciência, entre os diferentes atores da geração de saúde: profissionais, pacientes, familiares.

A atual configuração religiosa é um desafio para a assistência espiritual nas unidades de saúde. As tendências apontam para uma diversidade sempre maior, embora no Brasil as comunidades cristãs constituam a maioria, segundo censo do IBGE 2010¹. No campo da saúde, não se trata de oferecer assistência espiritual segundo grupos religiosos majoritários e expressivos numericamente, mas de acordo com a opção pessoal do enfermo e sua família. E ainda, é cada vez mais frequente encontrar famílias cujos membros seguem orientações religiosas diferentes. Esta configuração desafia a organização e prática da assistência espiritual a encontrar caminhos coerentes pautados no diálogo e abertura, respeito e admiração na diversidade religiosa.

¹Católicos: 64,6%, Evangélicos: 22,2%, Espíritas: 2%, Umbanda e Candomblé: 0,3%, Sem religião 8%, Outras religiosidades: 2,7%, Não sabe / não declarou: 0,1%.) IBGE. *Censo Demográfico 2010*. 2012, Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf. Acesso em 20 jul 2012.

A proposta deste trabalho parte da ação concreta dos assistentes espirituais² e identifica os elementos do pensamento de Fritz Jahr que contribuem para que este serviço esteja em concordância com as atuais demandas da diversidade religiosa e seja de fato um aliado da geração de saúde, especialmente em caso de internação clínica / hospitalar.

Diversidade religiosa: O desafio para a assistência espiritual na saúde

A relação médico-paciente-família se configura de acordo com a autocompreensão como pessoa – modo de ser no mundo - e suas relações – modo de estar no mundo. É importante ponderar sobre *onde* e *como* está o paciente, aquele que procura os cuidados em saúde – como ele se entende como pessoa, mas também como se relaciona com o seu entorno, tanto familiar como os diferentes espaços da sociedade.

Os serviços de saúde, por tratarem diretamente com a pessoa em estado vulnerável, devem atentar para o contexto em que vive o ser humano, suas tendências e impactos sobre a complexa teia de relações humanas.

Por este motivo, referenciam-se aqui, embora sem uma análise mais aprofundada, as grandes linhas da pós-modernidade adotadas pelo autor de Teologia Prática Norbert Mette (2005). O autor resume a atual conjuntura em algumas tendências, de interesse aqui por influenciarem diretamente o modo de estar em sociedade: A individualização, pluralização, destradicionalização e globalização.³ Não se trata somente de desafios a serem superados, mas também de chances para se consolidarem novos paradigmas nestes campos.

Compreender-se pessoa como ser individual, estilo único de vida, segundo um sentido de vida, buscar e afirmar expressões pessoais, está na raiz da fé cristã, cuja relação com Deus não se dá somente pelo 'Povo de Deus', mas constituída também de encontros pessoais. É também esta condição que constitui a diversidade. Quanto mais chances as pessoas tem de ser realizarem pessoalmente como ente único e individual, maior será a diversidade de estilos e pensamentos. Somente o modo mais radical, sem critérios de convivência, é que leva ao

² A terminologia "Assistentes Espirituais" usada aqui está alinhada à lei da Assistência Espiritual, incluindo neste trabalho todas as pessoas que realizam visitações religiosas em unidade de saúde.

³ Cf. METTE, Norbert. *Einführung in die katholische Praktische Theologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005, p. 47ss.

individualismo. A experiência da liberdade e autonomia são vividos em função de um outro e, como tal, se harmonizam entre o individual e coletivo. Somente os excessos, de qualquer lado, podem afetar negativamente a convivência humana. Estilos individualizados constituem a diversidade nos mais diversos âmbitos, requerem habilidade para conviver com o diferente, portanto, de estabelecer um novo modo de relacionamento.

Exercer efetivamente a liberdade e autonomia rompe em grande parte com a uniformização e a determinação externa, o que é louvável. No entanto, um rompimento acentuado com todo o existente até então, também pode significar perda de valores consolidados por longa experiência. Romper com tradição, no entanto, permite acompanhar o compasso do tempo. Entende-se aqui a diferença de tradição – que acima mencionamos – e tradicionalismo, que sempre tem um sentido negativo uma vez que se entende por este último a tentativa de manter vivos elementos secundários e temporais de uma geração.

As atuais possibilidades de comunicação permitem estender o contato entre seres humanos em nível mundial, quase ilimitado, acabando em grande parte com as fronteiras existentes até há poucos anos. Ao mesmo tempo trazem o mundo para a esfera pessoal de tal modo que, enquanto liga o ser humano com tudo e todos virtualmente, o distancia da vida da social, das pessoas mais próximas, inclusive a família. Desta condição resultam comportamentos e relacionamentos novos e desafiantes. A globalização, promovida e favorecida pelas inúmeras possibilidades de comunicação, entre outros, geradas pela tecnologia, vai transformando cada vez mais as sociedades até mesmo aquelas que de certo modo pareciam *mais longe do mundo* dadas às distâncias geográficas destas com as grandes metrópoles. Se nem todos os benefícios da globalização chegam igualmente a todos, alguns aspectos deste processo são absorvidos de forma mais ampla e mudam as formas de estar no mundo e impactam diretamente no relacionamento interpessoal, intergeracional e intercomunitário.

Estas tendências universais, apresentadas por N. Mette (2005), geraram mudanças substanciais também no âmbito religioso. Isto porque não se podem desconectar as questões religiosas do próprio desenvolvimento da sociedade. Na origem, as diferentes religiões podem ter se concebida exclusiva, caminho único de salvação, entretantes, cada uma se percebe não mais apenas único, mas múltiplo. “A percepção que emerge como evidente é que a própria religião é uma a mais, uma

entre outras, ainda que esta percepção se choque com a herança exclusivista original de cada religião.”⁴

Se, de um lado as questões religiosas remetem a convicções que ultrapassem a realidade e espaço em que se encontra a pessoa como enfermo, elas se interconectam com a realidade vivida, com as experiências e expressões concretas. Não se trata, portanto, de algo apenas transcendente, mas também real e contextualizado, interagindo com as realidades da vida. Fato este que requer constante estudo e análise sempre abertos. O desconhecido, o mistério, o sagrado não pode ser ignorado, pois dele se deduzem os comportamentos típicos de cada expressão religiosa, especialmente seus múltiplos inter-relacionamentos. Acolher e compreender a diversidade nos diversos campos da experiência humana é imprescindível para compreender o próprio ser humano habilitado a se constituir em diferentes modos de estar no mundo, distintos, mas interconectados.

As controvérsias no âmbito religioso são inúmeras e são também bastante incisivas, pois neste campo se trata daquilo que constitui uma grande verdade para a pessoa, mesmo que hoje, com mais consciência, não a *única verdade*. Das respectivas doutrinas e verdades advêm comportamentos morais e estilos de vida.

Como as mudanças da percepção de uma Religião única para a diversidade religiosa impactam sobre o comportamento do ser humano? Que desafios se apresentam, a partir da diversidade religiosa, para a assistência espiritual hospitalar? No complexo ambiente hospitalar, onde diversos atores interagem em função da saúde, portanto, tratando de pessoas vulneráveis, por vezes não se torna tarefa fácil atuar a partir de novos paradigmas relativos à liberdade religiosa. Não só os assistentes espirituais, mas todos os profissionais de saúde, enfermos e familiares dos enfermos, precisam adequar-se a mudanças rápidas e bruscas da sociedade, nomeadamente aquelas que impactam diretamente na concepção religiosa.

O desenvolvimento de uma postura de respeito, acolhida e, sobretudo, de admiração em relação ao que se relaciona de forma diferente com o Transcendente, é um desafio extremamente delicado e significativo para a atual sociedade onde a diversidade e uniformidade concorrem nos diferentes âmbitos da vida. De um lado cada qual cria seu próprio modo de ser, pensar, crer, de outro, globalizam-se

⁴ VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 114.

comportamentos, pensares e crenças. Neste jogo, também no âmbito religioso, fazer a experiência de identidade como pessoa e comunidade, pode ser considerado como algo belo e desafiante ao mesmo tempo.

O autor referencial deste trabalho, Fritz Jahr, entende já no seu tempo - início do século XX - a diversidade entre cristãos como algo positivo, contanto que, no âmbito cristão, segundo ele, se preservem os valores cristãos que dinamizam esta relação entre diferentes, ou seja, de onde nascem valores de relacionamento respeitoso universal, sem distinção: “Meus irmãos, a vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir aceção de pessoas”. (Tg 2,1). Fritz Jahr comenta:

Quanto mais tenaz e intensa for a devoção religiosa, mais prováveis serão as gradações decisivas das diferenças entre os vários povos e grupos para que duas crenças não se pareçam. Talvez as muitas formas de crença atestem a força da religião e, desse ponto de vista, poderiam ser um bom sinal. A riqueza das formas de crença não deve causar agitação religiosa entre os cristãos. Tal perigo é muito real e, desde o passado até o presente, sempre acontece a mesma coisa: as igrejas cristãs, que são exclusivamente pioneiras em suas obras de caridade (um modelo para toda a cultura moderna), alimentam pouquíssimo esse amor nos comportamentos de uns em relação aos outros em matéria de opiniões religiosas diferentes.⁵

Perceber-se diferente do outro e perceber o outro diferente são experiências humanas enriquecedoras a medida que oferecem um campo de reciprocidade de acolhida e respeito. Não se faz necessário renunciar a elementos essenciais da própria fé e, mais do que isso, a autêntica paz religiosa se afirma na consolidação da própria identidade religiosa, mas com o cuidado de nunca pretender impô-la ao diferente. A convivência ecumênica e inter-religiosa implica em valorizar o outro pelo que é e pelo que crê, sem pretender transformá-lo ou adequá-lo às próprias crenças. No campo ecumênico, a valorização do que constitui a doutrina e valores comuns não pode ser exclusiva, embora louvável e desejável. A convivência respeitosa entre os cristãos inclui respeitar e acolher também as diferenças entre os diversos grupos. Numa realidade em que as diferenças se diversificam sempre mais, esta é uma questão delicada a ser abordada para que se construa um caminho harmonioso no conjunto das diversas Igrejas. O contexto religioso analisado por Fritz Jahr é diverso da atual matriz religiosa, especialmente quando se trata da realidade da América

⁵ JAHN, Fritz. Reflexões éticas sobre as controvérsias dentro da igreja, 1935. In: *Bioethikos*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo. 2011, n. 3, p. 242-275, jul/set 2011, p. 262.

Latina e do Brasil. A diversidade religiosa no Brasil contempla frequentemente católicos, evangélicos pentecostais, evangélicos de missão, espíritas, afro-brasileiros. Mas há uma diversidade incalculável de outros grupos religiosos que, numa relação de cuidado pessoal individualizado, como é o caso do campo da saúde, se torna evidente e significativa. A questão aqui é entender que no campo da saúde, o particular se sobrepõe ao global, portanto, o que vale para a assistência espiritual e demais cuidados profissionais é que a convicção religiosa do enfermo está acima de uma religião majoritária de um determinado contexto, da confessionalidade da instituição, caso se trate de instituição confessional, e de outras expressões religiosas presentes na família.

As questões primárias daquele tempo, do autor Fritz Jahr, na primeira metade de século XX, estão muito próximas daquilo que atualmente se constata nas diferentes sociedades, sob o impacto das novas realidades resultantes do desenvolvimento nas mais diversas esferas humanas e científicas.

Partindo da exposição de Fritz Jahr sobre a situação interna das igrejas cristãs da época, suas controvérsias e dificuldades de relacionamento, pode-se questionar e ampliar a questão para a diversidade religiosa hoje: O que hoje dificulta a experiência da diversidade religiosa como algo positivo na sociedade? Como convivemos entre tantos diferentes? Dentro do âmbito cristão, Jahr reconhece: “Em vez da paz, que Cristo espera, encontramos intolerância, desarmonia, brigas e controvérsias – e poder-se-ia chamar isso de norma. Não é necessário e não deve ser assim”⁶

Convivência ecumênica / inter-religiosa no mundo da saúde

Em muitos aspectos houve avanço desde 1935, ano que o autor refletiu sobre os desafios da diversidade no âmbito cristão. Mas há muito que avançar ainda hoje. Se “não deve ser assim”⁷, então, como deve ser? Como deve ser hoje em condições bem mais complexas tanto relativas à questão religiosa bem como o contexto sociocultural? Também hoje é preciso aspirar a um diálogo ecumênico e interreligioso harmonioso. Para isto é preciso conhecer o que é comum e o que é diferente - as semelhanças e diferenças – e também as diversas nuances dentro das

⁶ JAHR, 2011, p. 262.

⁷ JAHR, 2011, p. 262.

comunidades cristãs. Estas questões bem claras são pressupostos fundamentais para o diálogo, para traçar um bom itinerário para a convivência pacífica e construtiva para todas as partes. Fritz Jahr, ao abordar este tema, afirma: “Essa questão importante é central para qualquer forma de igreja cristã: como nos diferenciamos dos outros cristãos?”⁸ O mesmo pode ser aplicado a outros grupos religiosos. Somente identificando e assumindo as diferenças é possível construir um caminho conjunto de *respeito, admiração e aprendizado* recíprocos. Nesta esfera, é importante estabelecer, além da alteridade individual, uma espécie de *alteridade coletiva* – de comunidade de fé - onde os diferentes se interpelam reciprocamente e suscitam também uma aprofundada autoanálise sem, contudo, abdicar de importantes elementos da crença própria, nomeadamente aqueles que identificam uma comunidade de fé e são, por isso, um dos seus principais fundamentos. O diálogo inter-religioso “promove a liberdade e dignidade dos povos, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e para a convivência cidadã”.⁹

Importante contribuição neste campo se dá em nível dos especialistas da área como os teólogos, embora aqui não se trate de fazer uma análise teológica sobre o tema: “Neste confronto, os interlocutores conhecem e apreciam reciprocamente os valores espirituais e as categorias culturais, promovendo a comunhão e a fraternidade entre os homens.”¹⁰ Onde a raiz do diálogo é constituída pelo respeito, admiração e abertura para o aprendizado ali “o diálogo torna-se, assim, fonte de esperança e fator de comunhão na transformação”.¹¹ A diferença conhecida e conscientemente aceita é fundamental para desenvolver uma cultura de tolerância e, mais que isto, acolher a diferença como pressuposto para o encantamento e aprendizado recíprocos.

As *identidades pessoais e grupais* estão na raiz da diversidade. Onde o diferente é anulado, a diversidade carece de vitalidade e dinâmica que, quando respeitada, lhe são inerentes. Aquilo que é distinto e peculiar conforma a diversidade. No campo religioso, abdicar das próprias crenças, igualar

⁸ JAHN, 2011, p. 262.

⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA. *Documento de Aparecida*: 13-31 de maio de 2007.3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 112.

¹⁰ ARINZE, Francis. Diálogo e Missão, *Vaticano*, 05.06.2006. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interrelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso: 30 jun. 2012.

¹¹ ARINZE, 2006.

posicionamentos numa sociedade constituída a partir de grupos tão diversos e consolidados nas suas crenças, a busca / imposição de unanimidade é tão perigoso quanto o proselitismo ancorado em radicalismos.

Na busca do diálogo, o passo inicial se constitui no âmbito daquilo que as religiões tem em comum, mas não pode estagnar ali, reduzindo-se a ele: “É preferível ficar de olho no que nos une antes daquilo que nos divide.”¹² O espaço de celebração do que é comum é o mesmo que permite *entrar em contato* com o diferente, o perceber-se diferente, o que requer acolher o diferente.

Fritz Jahr faz sua análise a partir das controvérsias internas das comunidades cristãs, no entanto, a aplicabilidade das diretrizes por ele apresentadas são aplicáveis também no campo da experiência inter-religiosa hoje. Que aspectos comuns podem ser identificados em posicionamentos, comportamentos, filosofias de vida decorrentes de doutrinas tão distintas? O insucesso do diálogo geralmente começa no embate sobre a doutrina, aspecto próprio dos meios teológicos, mas a ser evitado, ou melhor, eliminado quando se trata do cuidado da pessoa, do serviço e diaconia das igrejas, especialmente na área da saúde. Enquanto expressão concreta de amor e solidariedade, a assistência espiritual é um espaço onde o diálogo é apropriado e necessário para o encontro de diferentes. A solidariedade, o cuidado da pessoa / diaconia é um valor transversal a todas as religiões. O modo de conceber Deus é distinto, o valor e dignidade do ser humano, a práxis no âmbito da caridade / diaconia são comuns. As religiões se encontram no amor e compaixão para com o próximo: “Isto vos mando: amai-vos uns aos outros” (Jo 15,17).

Cada um é sujeito e ao mesmo objeto de análise e avaliação especialmente naquilo que o torna distinto do outro. Isto vale também para questões da profissão de fé. Por vezes incorre-se o risco, em nome do respeito pela diversidade religiosa, de confundir o *respeito* com a *impossibilidade de analisar e tirar conclusões* de questões relativas às diferenças religiosas. A questão, no entanto, é a maneira como se avalia e aprecia um grupo religioso. Nesta questão, Fritz Jahr aconselha: “Ao lidar com as diferenças não se deve exagerar na fraqueza conceitual do outro e permanecer em silêncio sobre os aspectos positivos.”¹³ Embora experiências de compartilhamento inter-religioso do exercício da solidariedade não sejam espaços próprios de debates doutrinários, eles podem vir à tona e, portanto, é preciso saber

¹² JAHR, 2011, p. 262

¹³ JAHR, 2011, p. 262.

lidar com tais situações. Por isso, vale considerar também aqui a orientação de Jahr: “Deve-se ter muita cautela com a crítica negativa; sobretudo na área da religião – incluindo a cristã – é muito perigoso julgar uma suposta verdade e justiça, ou seja, cometer equívocos”.¹⁴ É fácil erguer uma espécie de *tribunal interior* para julgar o diferente. Cada comunidade de fé, segundo Fritz Jahr, é constituída de pessoas passíveis de erros. Ele defende que se evite o criticismo vazio e considere uma habilidade necessária para se avaliar o outro, sem cair no erro de uma conclusão precipitada e infundada. Isto acontece de forma mais consistente quanto mais ciência se tem da *impossibilidade da neutralidade*, o que constitui um importante elemento de limitação e condição propícia para o erro. Mais uma vez, o que de forma simples e precisa Fritz Jahr apresentou pode servir-nos de orientação para uma ética de respeito:

Deve-se ter consciência de que uma religião apresenta deficiências e fraquezas, para as quais um julgamento ameno é tomado por certo. Tal consciência deve ser satisfatória para ocorrer um julgamento mais suave com relação às deficiências das outras pessoas.¹⁵

A diversidade religiosa assumida conscientemente acompanha a conquista da liberdade de expressão de toda a sociedade. Não é mais necessário identificar-se como membro de uma igreja, de uma filosofia tradicional. A crença por tradição perdeu força e permite que se adira a diferentes igrejas até mesmo num núcleo familiar. É possível migrar e também conciliar múltiplas pertenças: Ao mesmo tempo em que se preserva a tradição, abraçam-se novas expressões religiosas simultaneamente. Somente a migração religiosa não é suficiente para explicar todas as mudanças que levaram a atual matriz religiosa no Brasil¹⁶. Os atuais dados com certeza são mais autênticos do que os anteriores e retratam mais precisamente a real situação do Brasil. O retrato religioso do Brasil, especialmente nos censos de 2000 e 2010 é mais nítido e coerente com a realidade.

Diversidade religiosa e a instituição de saúde

¹⁴ JAHR, 2011, p. 262.

¹⁵ JAHR, 2011, p. 262.

¹⁶ Conforme dados acima mencionados: Censo 2010.

Ao procurar uma instituição de saúde, a pessoa busca um profissional de saúde e/ou chega uma instituição de saúde com a intenção de procurar a cura do corpo ou da mente. Por ser o ser humano um ser integral, sem divisões das diferentes dimensões que constituem a vida humana, o profissional de saúde acolhe e trata de uma pessoa como um todo e não somente de um órgão. Condição que torna necessária, além do cuidado clínico, o cuidado da pessoa na dimensão psíquica, social, espiritual...

Embora sejam conhecidos os benefícios da fé na geração da saúde, esta dimensão teria igual importância mesmo se não houvessem estudos científicos sobre esta relação fé-saúde. Esta dimensão não pode ser menosprezada, em primeiro lugar, em função da dignidade humana e das liberdades pessoais garantidas a todos os cidadãos. A dimensão espiritual do ser humano, no ambiente da saúde, não é uma questão secundária, embora, como já referido, não é diretamente isto que se busque numa instituição de saúde. Para quem atua no serviço eclesial / diaconia no campo da saúde deve conhecer a matriz religiosa da população e compreender como cada pessoa se vê no mundo e além dele. É importante considerar como a pessoa interpreta a doença, dor e sofrimento bem como ela vê o sentido da vida em função da perspectiva pós-morte. A escatologia incide sobre as outras áreas uma vez que projeta luz sobre o sentido de vida presente. É fundamental que os assistentes espirituais e os profissionais de saúde entendam o modo de o paciente perceber-se como pessoa, sua origem e destino, mais ou menos diferenciados nas diversas religiões, e que isto requer uma atitude de respeito num ambiente onde a *invasão* da vida pessoal é, por natureza e necessidade, tão intensa como num processo terapêutico.

No Brasil está garantida por lei a assistência espiritual para pessoas internadas. Além de constar na Constituição Brasileira, para a área da saúde foi afirmada e normatizada por lei própria: Lei N^o 9.982, de 14 de julho de 2000.¹⁷ A

¹⁷ **Art. 1^o** Aos religiosos de todas as confissões assegura-se o acesso aos hospitais da rede pública ou privada, bem como aos estabelecimentos prisionais civis ou militares, para dar atendimento religioso aos internados, desde que em comum acordo com estes, ou com seus familiares no caso de doentes que já não mais estejam no gozo de suas faculdades mentais.

Art. 2^o Os religiosos chamados a prestar assistência nas entidades definidas no art. 1^o deverão, em suas atividades, acatar as determinações legais e normas internas de cada instituição hospitalar ou penal, a fim de não pôr em risco as condições do paciente ou a segurança do ambiente hospitalar ou prisional. (CASA CIVIL, Lei n^o 9.982, *Planalto*, 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9982.htm. Acesso em: 30 jul 2012.)

intenção é que este serviço seja prestado com qualidade e sem conflitos decorrentes da inabilidade de se lidar com as diferenças, fundamentalismo e proselitismo religioso.

Trata-se de um serviço estreitamente ligado à humanização uma vez que dá conta de uma importante dimensão humana. Daí a necessidade de a assistência espiritual ser organizada em sintonia e junto com a equipe multidisciplinar. Na geração de saúde, ao lado de processos técnico-científicos há um campo de cuidados que ajudam a humanizar ainda mais os processos terapêuticos por promoverem uma relação humana de sujeito-sujeito. Entre estes se encontra a assistência espiritual, quando realizada com critérios razoáveis.

Neste campo se colocam alguns desafios urgentes uma vez que alguns comportamentos e procedimentos são impossíveis de serem estabelecidos por decreto e devem emergir da percepção humanitária dos seus atores. Se, quando falamos da sociedade em geral existem grupos religiosos constituídos em *maiorias* e *minorias*, quando se trata de atendimento personalizado, como é o caso do cuidado em saúde - é preciso ter ainda mais atenção em função das expressões particulares. Então a diversidade religiosa, abrangente e complexa, como já indicado, é ainda mais rica e desafiante.

Considerações sobre a assistência espiritual em saúde:

- A assistência espiritual deve ter como meta o bem estar do paciente e, assim, transmitir segurança à família e ser aliado do processo terapêutico
- Os hospitais¹⁸ geralmente não mantêm uma equipe devidamente preparada para a assistência espiritual, especialmente para dar conta de um atendimento qualificado, dependendo por isso de pessoas de *boa vontade* da comunidade. Dada a importância de assistência espiritual de qualidade, entende-se que é necessária uma coordenação¹⁹ / equipe preparada para dialogar com as diferentes expressões religiosas e áreas do conhecimento. Ela deve estabelecer, com a direção, corpo clínico e equipe multidisciplinar, diretrizes que garantam o bom atendimento do paciente e, ao mesmo tempo, alinhamento com as diretrizes de toda

¹⁸ Trata-se especialmente dos hospitais não confessionais.

¹⁹ Entende-se esta organização a partir de uma coordenação para organização, formação e acompanhamento do serviço uma vez que a visitação é realizada pelos visitantes credenciados pelas diversas igrejas.

instituição, pois esta está – ao menos teoricamente – pautada em processos de humanização.

- A sutileza da legislação complementar específica, que no seu enunciado que coloca a visitação do doente como direito do religioso e não como do paciente, requer bom senso na sua aplicabilidade. Esta está gerando inúmeros conflitos na organização da visitação hospitalar, especialmente quando se trata de líderes religiosos que entendem este espaço de atuação como lugar propício para “angariar” adeptos para sua denominação / religião.
- Propósitos adversos de assistentes espirituais, mesmo que com apoio e reivindicação da família, mas não do paciente, são extremamente perniciosos para paciente e o processo terapêutico. O proselitismo religioso na perspectiva exclusivista - *só minha igreja salva* –, a promessa de milagres – no sentido mágico – ... geram uma espécie de *exploração espiritual de vulnerável*. Para o paciente e sua família muitas vezes *vale tudo* quando se trata de obter a cura. Tais situações muitas vezes afastam o paciente do tratamento, que ele retoma somente quando também as promessas religiosas falharam. Então pode não ser mais possível o sucesso de um procedimento efetivamente terapêutico.
- Dificuldades para seguir os procedimentos técnicos no ambiente hospitalar é próprio daqueles assistentes espirituais que se entendem à parte do processo como um todo. Por este motivo eles podem ser considerados *persona non grata* no ambiente hospitalar, inclusive, porque podem representar um risco como fator de contaminação hospitalar. Dada a importância dos ritos religiosos para o paciente, é preciso adequá-lo ao ambiente em que é realizado, enquanto lhe assegura o significado e segue as diretrizes estabelecidas com os órgãos internos competentes. Às instituições compete orientar os assistentes espirituais e estes, por sua vez, seguir as orientações uma vez que servem para o bem de todos.
- O serviço de assistência espiritual em instituições confessionais geralmente é mais consistente, no entanto, o desafio é o espaço e diálogo com a diversidade religiosa. Isto, porém, não significa abdicar de sua identidade, pelo contrário, a partir dela, oferecer acolhimento do

diferente e atendimento espiritual humanizado universal. Consideramos aqui que os cuidados humanitários decorrentes de valores como o amor fraternal, solidariedade inerentes aos diversos grupos religiosos são a plataforma onde se constroem boas relações e espaços devidos em vista da diversidade religiosa.

- Reflexões interconfessionais sobre esta questão são fundamentais. Por isso, não se pode deixar de reconhecer aqui, entre tantos outros, o Congresso (anual) Brasileiro Ecumênico de Assistência Espiritual Hospitalar, organizado pela Associação Cristã de Assistentes Espirituais Hospitalares do Brasil (ACAEHB), associação que tem se empenhado também para um diálogo inter-religioso na área da saúde.

Considerações finais

A partir do momento em que uma pessoa se confia aos cuidados de um profissional de saúde, é preciso compartilhar a responsabilidade pela geração da saúde e evitar caminhos diversos e dispersos na busca de saúde. Assim cabe fazer da assistência espiritual um aliado do processo terapêutico, uma força convergente para geração de saúde que, em última análise é gerar vida nova, vida em abundância. (cf. Jo 10, 10). A doença é, em qualquer grau e dimensão humana, um fator fragilizador do ser humano. O excesso de informações e carência de formação neste campo tão importante da vida humana tornam a pessoa ainda mais vulnerável e pouco conferem segurança e certeza diante da vida. A comunicação é, por isso, um desafio a mais para todos os partícipes da geração de saúde, portanto, também para os assistentes espirituais. Não lhes cabe informar, analisar ou expressar-se sobre a situação da saúde física, o que poderia interferir negativamente no processo terapêutico, mas deve saber comunicar-se no âmbito espiritual, proporcionando segurança e esperança, sem, contudo, deixar de ser autêntico nas suas afirmações. Ele não deve impor suas convicções, mas saber ajudar de forma adequada segundo as demandas do paciente, da equipe multidisciplinar e da família.

A experiência dos limites dos recursos biomédicos e dos recursos interiores, ou seja, quando se esvai a esperança em soluções imediatas concretas, se intensifica a busca de ajuda em *forças superiores*. Qualquer que seja a sua profissão de fé, este processo é de capital importância de forma que o paciente seja

fortalecido a partir de sua própria crença. Superar o proselitismo numa sociedade multicultural e multireligiosa é a premissa fundamental para que a assistência espiritual atenda a necessidade do paciente como parte significativa na geração de saúde.

Embora não se viva no Brasil um conflito religioso, há áreas – e a saúde é uma delas – onde a convivência é desafiante. Em nome da *liberdade religiosa* pretende-se justificar muitas vezes ações religiosas sem critérios. A *promessa de milagres*, a *expulsão de demônios*, entre outros, concorre diretamente com os processos terapêuticos uma vez que levam pacientes a descuidar ou até mesmo a abandonar tratamentos de saúde. Esta situação é ainda mais desafiante com a ampla propagação pelos meios de comunicação, destas expressões religiosas, sem critério ou ressalvas. Até que ponto questionar, analisar e elucidar a população a este respeito significa interferência na livre expressão de crença e até que ponto ignorando este fato está se *jogando* com a vulnerabilidade das pessoas, inclusive numa espécie alienação coletiva? Não se trata aqui de questionar os dogmas que determinam tais manifestações, mas o fato de se colocar a crença em Deus em condição de *medicina alternativa*, tirando-lhe sua dimensão de *aliada da geração de saúde*.

Aqui se pode salientar um dos ensinamentos de Fritz Jahr, e talvez para esta reflexão, a contribuição mais importante: ao lado de celebrar o comum é preciso analisar as deficiências já pelo fato de que todas as pessoas e grupos são passíveis de erros. “Os verdadeiros erros ou as deficiências reais na crença do outro devem ser rejeitadas, no entanto, de modo mais objetivo e sem exaltação”.²⁰

O cuidado de Jahr ao abordar o tema demonstra o quanto o tema é delicado e, por isso, acompanhado de preocupação e por vezes ignorado como forma de não se criar conflitos.

Por fim, deve-se ter consciência de que uma religião apresenta deficiências e fraquezas, para as quais um julgamento ameno é tomado por certo. Tal consciência deve ser satisfatória para ocorrer um julgamento mais suave com relação às deficiências das outras pessoas.²¹

Talvez a verdadeira convivência inter-religiosa e ecumênica, o diálogo com os diversos saberes, aconteça quando cada religião souber, ao afirmar sua

²⁰ JAHR, 2011, p. 262.

²¹ JAHR, 2011, p. 262.

identidade, também identificar e aceitar seus próprios erros, buscando caminhos de superação, e, ao emitir seu parecer sobre deficiências dos outros o faça de forma respeitosa e construtiva de modo que possam ser pontos referenciais da autoanálise do outro.

Esta proposta para a convivência religiosa pode ser benéfica para o campo da saúde uma vez que requer essencialmente a virtude da humildade e também alteridade pessoal coletiva, tão necessárias para a superação dos desafios na assistência espiritual.

Referências

A BIBLIA de Jerusalém. Revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

ARINZE, Francis. Diálogo e Missão, *Vatican*, 05.06.2006. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso: 30 jun. 2012.

CASA CIVIL, Lei nº 9.982, *Planalto*, 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9982.htm. Acesso em: 30 jul 2012.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: 13 - 31 de maio de 2007*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. 2012. Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf. Acesso em 20 jul 2012.

JÄHR, Fritz. Reflexões éticas sobre as controvérsias dentro da igreja, 1935. In: *Bioethikos*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo. 2011, n. 3, p. 242-275, jul/set 2011.

METTE, Norbert. *Einführung in die katholische Praktische Theologie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Paulus, 2006.